

‘SOMEONE SAVED MY LIFE TONIGHT’: FAMA, SUICÍDIO E LITERATURA
AUTOBIOGRÁFICA NA OBRA DE ELTON JOHN & BERNIE TAUPIN

Elton John da Silva FARIAS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O objetivo deste artigo é discutir, a partir da análise da canção *Someone Saved My Life Tonight*, de autoria do cantor/compositor Elton John e do letrista Bernie Taupin, problemáticas que envolvam fama, suicídio e literatura autobiográfica, haja vista que a canção mencionada, lançada no álbum autobiográfico *Captain Fantastic And The Brown Dirt Cowboy*, em 1975, conta uma história de como o cantor tentou suicídio em 1968 após uma relação conturbada com sua primeira noiva, Linda Woodrow, e quais as repercussões deste ato em sua obra musical. Parte do álbum, a canção permite discutir questões sobre fama e suicídio, a partir de sociólogos como Chris Rojek e Émile Durkheim, para que se possa compreender, a partir deste caso específico, um pouco do contexto do *ser famoso* na década de 1970.

Cena I:

Um jovem pianista londrino, Reginald Kenneth Dwight, de 21 anos, vive na Furlong Road em Islington, dividindo um *flat* com sua noiva, Linda Ann Woodrow, e seu melhor amigo, Bernard Taupin. Ela, oriunda de uma família de empresários que administrava a famosa *Epicure Pickle Company*, resolveu lá viver para demonstrar seu amor e sua intenção de dividir a vida com o rapaz; Taupin, letrista e parceiro de composições de Reginald, não tinha condições financeiras para gerir sua própria morada, pois havia se mudado há pouco de Lincolnshire, norte da Inglaterra, para a agitada e cara capital do país. Tudo parecia e poderia ser harmônico, mas não era: em um dia de maio de 1968, o rapaz, exímio compositor, não procurou tocar piano ou ouvir discos diversos como costumava; preferiu, no entanto, pegar dois travesseiros e com eles andar por vários lugares do *flat*, pensando catatonicamente, imaginando situações, visualizando projeções de momentos que haviam atormentado seus pensamentos pelos últimos seis meses, temendo o que o futuro poderia reservar. Viu a

cozinha, não tão espaçosa, não tão pequena, mas suficiente para tornar real o que se passava em sua mente atormentada: incrédulo, desacreditado, não conseguindo ver nenhum auspício em sua carreira musical, desencorajado profissionalmente pela mulher que julgava amar, Reg (como era carinhosamente chamado pelos íntimos) largou os travesseiros à frente do fogão, olhou para a luz solar que emanava das janelas, viu-as abertas e preferiu não fechá-las; voltou-se para a mesa, folheou jornais ali deixados que nada de interessante poderiam a ele dizer e tomou uma dose demorada de seu gim favorito. Não parecia restar mais nada a fazer, não precisava nada mais pensar: voltou ao fogão, abriu a porta do forno, alojando um dos travesseiros no interior, outro logo após a porta aberta; ajoelhando-se neste e confortando a cabeça naquele, o jovem músico parecia mais querer “sumir”, fazer esquecer tudo o que havia se passado naqueles últimos seis meses, fechar os olhos, relaxar e não pensar mais em nada. Esperava encontrar a calma que não o visitava há tempos. Liberou o gás do forno e lá ficou! Pacientemente aguardava, numa tentativa desesperada, que sua vida fosse sendo lentamente tirada, pela falta de ar, pela intoxicação das vias pulmonares. Lá tentou que a morte o encontrasse ou, num lapso de imaturidade, que alguém se importasse e, antes que ela o levasse, pudesse aparecer para salvá-lo. Bem acomodado, inerte, deixou o destino agir e decidir o que seria de sua existência: pouco depois, sentindo o forte cheiro de gás, num misto de preocupação pelo que ocorrera e de riso em decorrência da cena hilário-contraditória, Taupin apareceria e retiraria o amigo desta insensatez...

Cena II:

Voltemos um pouco no tempo, por volta de Dezembro de 1967, especificamente na noite de véspera de Natal. Reg Dwight estava sentado num banco do *Cavendish Club*, em Sheffield, esperando chegar a hora de ir tocar com a banda *Bluesology* em um *pub* local. Tomava café despreocupado, olhava a vizinhança, não conversava com ninguém; “sentado perto do balcão, distraído, começou a ouvir, de repente, gritos e choro, e uma cena atraiu sua atenção. Uma moça estava sendo violentamente espancada por um homem”¹, seu então “namorado”. Ela se chama Linda Woodrow e ele, *disc jockey* de rádio, conhecido pela alcunha de The Mighty Atom, tinha uma estatura muito baixa, praticamente um anão, mas possuía um temperamento muito forte e evasivo, quando não violento. Ameaçava e, às vezes, batia na moça e isso levou Reg a alimentar um sentimento que, talvez, tivesse muito mais a

¹ MOREIRA, 1986, p. 75.

ver com dó e indignação do que mesmo com atração ou mesmo *amor*. Ele voltava frequentemente ao local e, em uma das ocasiões, viu Linda sozinha no mesmo clube: ele havia tomado uma iniciativa clara e obstinada de conquistar esta garota e conseguiu o feito; dias depois saíram juntos para *South Shields*, conversaram, pararam em bares para conhecerem melhor um ao outro. Num período de quinze dias apenas já tinham decidido morar juntos e o local escolhido foi Islington².

Furlong Road, número 29. Em uma paixão avassaladora, o pianista viu na jovem de cabelos loiros o “amor de sua vida” e a idealizou como a personificação da doçura e da beleza. Empolgado, trouxe praticamente todos os seus pertences ao apartamento e consigo, dias depois, seu melhor amigo.

O relacionamento com Linda, porém, não duraria mais que seis meses. Havia muito entusiasmo, é verdade, já que o casamento foi planejado e marcado. Reg acreditava, com isso, que conseguiria manter-se centrado numa família e no trabalho, talvez para atender aos desejos de seus pais (principalmente da figura paterna, Stanley Dwight) de que o filho seria um homem respeitável e de índole familiar. Juntou isso ao sentimento instantâneo por Linda e a soma não poderia ter sido outra: ela era herdeira da *Epicure Pickles*, especializada em condimentos envasados, tinha parte das ações corporativas em seu nome e um futuro promissor; era um bom partido para um músico que ainda não tinha conseguido se estabilizar financeiramente, já que ela, além de atraente, tinha uma perspectiva aparentemente interessante no mundo do empreendimento comercial.

Mas a moça também era exigente e não estava muito satisfeita com os rumos profissionais de seu noivo: com o passar dos meses passou a reclamar constantemente da falta de dinheiro de Reg e de seus gastos “supérfluos” com discos, apetrechos, vestimentas e acessórios pessoais. Ele se responsabilizou por todas as contas da casa nos primeiros dois meses; logo que o dinheiro foi se tornando escasso, Linda passou a ajudá-lo até que, nos dois últimos meses do relacionamento, ela teve que arcar com as despesas domésticas e as contas de água, luz, etc. Isso passou a irritá-la e fez com que suas exigências só aumentassem, levando Reg a se sentir um tanto incomodado e apreensivo. Sua paixão parecia encobrir as dificuldades do casal:

² Diferentemente do que Reg Dwight acreditou, “o DJ não era seu namorado, mas apenas a acompanhava na noite em que ela conheceu Reg”. Este “contou a todo mundo que estava apaixonado, e, durante os seis meses seguintes, os dois pareciam felizes na companhia um do outro. Conversavam com frequência por telefone, Linda em Sheffield e Reg em Londres, até que ela tomou a decisão de se mudar para ficar com ele permanentemente. Reg deixou a *maisonette* da mãe e do padrasto em Frome Court, Pinner (...). Pouco depois, Bernie seguiu Reg e também foi morar no flat de Linda Woodrow na Furlong Road, Islington”. Cf. BUCKLEY, 2011, p. 54.

Reg estava super apaixonado e isso era incontestável. Apesar do gênio difícil de Linda e de sua mania persistente de discordar de tudo que ele gostava ou queria, Reg estava tão cego que nada disso o fazia voltar atrás com a vontade de tê-la sempre junto dele. Quando não estava de acordo com alguma coisa, ela o agredia, às vezes, fisicamente. Eram momentos difíceis. Discutiam na maior parte do tempo, mas ele a amava e estava mais do que convencido disso³.

Não sei ao certo se a paixão dele era “incontestável”, mas era bastante intensa. Não duvido que a dela também tenha sido, ao seu modo; talvez Linda ainda estivesse ressentida com as agressões da sua companhia no Natal de 1967 e, transtornada, reagisse um tanto instintivamente contra qualquer discórdia que houvesse entre ela e Reg, chegando até a dar tapas no rosto dele. Talvez se sentisse rejeitada, já que “ele nunca me chamou para comer fora ou se abriu comigo” (“he never took me out for meals or treated me”)⁴, recordou ela em 2005.

Com o casamento marcado para Junho de 1968, Reg e Linda passaram a procurar um apartamento em *Mill Hill*, no distrito de *Barnet*, que compõe a Grande Londres, e enviaram os convites do matrimônio. Desesperado com a “convenção” social e com a “farsa” à qual estava se submetendo, por ela não reconhecer sua potencialidade para a música, Reg levou à tona sua primeira tentativa de suicídio⁵: entrou sozinho na cozinha do apartamento, como já mencionado, abriu a tampa do forno do fogão e lá se deitou; ligou o escape de gás e adormeceu. Tentou se matar sufocado, mas não obteve sucesso porque deixou todas as janelas ao redor abertas...

Mas Bernard Taupin (mais conhecido como Bernie) estava em casa, no seu quarto para ser mais exato, bem à vontade lendo livros. De repente ele passa a sentir o cheiro forte de gás e resolve averiguar o que estaria acontecendo; chegou rapidamente à cozinha e logo se deparou com a cena: Reg deitado com a cabeça dentro do forno, os joelhos apoiados no chão e as pernas entreabertas, como se estivesse desmaiado. Relembrando aquele momento, Bernie diz ter pensado que Linda ou o amigo tivessem esquecido o fogão ligado, mas quando viu o que era, “minha reação imediata deveria ter sido ‘Meu Deus, ele tentou se matar’. Mas comecei a rir, primeiro porque ele levou um travesseiro e estava com a cabeça nele, sabe, (...), estava deitado no travesseiro, e tinha aberto todas as janelas”⁶.

A tentativa de suicídio “a lá Woody Allen”, como Elton a descreveu em 1973, foi justificada, de acordo com ele, porque a moça não o apoiaria em sua carreira e estava pedindo

³ BUCKLEY, 2011, p. 80.

⁴ NAUMAN, 2005, p. 18.

⁵ Uma segunda viria a ocorrer em 1975, já famoso, em sua residência em Los Angeles, jogando-se na piscina após tomar uma série de calmantes.

⁶ UNIVERSAL Music Group International. *Two Rooms: celebrating the songs of Elton John and Bernie Taupin*. Universal Music Ltda. Rio de Janeiro, Brasil, 2005. 1 disco de vídeo digital (DVD) (124 min.).

constantemente para que ele arrumasse um “emprego de verdade”. “Foram seis meses muito tempestuosos, após os quais eu estava à beira de ter um colapso nervoso. Eu tentei cometer suicídio e várias outras coisas, durante as quais Bernie e eu não escrevemos nada, absolutamente nada” (“It was a very stormy six months, after which I was on the verge of a nervous breakdown. I attempted to commit suicide and various other things, during which Bernie and I wrote nil, absolutely nothing”)⁷.

Esta tentativa, portanto, e de um ponto de vista sociológico, se vista na clássica contribuição ao tema dada pelo sociólogo funcionalista Émile Durkheim, poderá ser entendida como um ato *egoísta* e *anômico*. Este autor entende o suicídio como um gesto social, que pode ser dividido em pelo menos três tipos: além dos dois já citados, soma-se o *altruísta*. Todos, apesar das divergências, giram em torno de uma concepção comum: só se é possível problematizar sociologicamente o fato de se tirar a própria vida quando se pensa nas intempéries que dele resultam, estas vinculadas a fatores gestados na e pela sociedade; apesar de ser uma escolha eminentemente individual, suas motivações não são perceptíveis se forem desvinculadas do meio de convivência e de um contexto próprios à sociabilidade da pessoa que associa esses elementos à sua psique perturbada por algo maior e que lhe foge ao controle.

O *suicídio egoísta* é aquele em que os interesses do indivíduo estão eminentemente acima dos sociais, justamente pelo fato de este não ser capaz de limitar os desejos mais íntimos de sua vontade, não conseguindo perceber que sua individualidade pressupõe uma existência menor e “menos importante” do que o todo social; por possuir, para Durkheim, uma *personalidade coletiva* e uma *individual*, o humano constituiria sua identidade a partir do entrecruzamento entre ambas as personalidades e sua felicidade emanaria de um bom relacionamento entre elas: quando este relacionamento entre em declínio e o indivíduo não consegue se satisfazer nem com as exigências nem com as alegrias da vida, e quando os padrões de sociabilidade não são vistos como satisfatórios, a morte passa a ser entendida como o melhor meio para suprir uma desilusão, uma decepção, um desgosto. Alcançar um plano posterior à vida ou não alcançar nada, qualquer que seja o destino, passa a ser uma solução mais amenizadora do sofrimento, apaziguadora e pacificadora da perturbação da psique.

Por sua vez, o *suicídio altruísta* é aquele em que, ao contrário do anterior, há uma integração tão atenuada entre indivíduo e sociedade que os valores pessoais acabam sendo

⁷ GAMBACCINI, 1975, p. 61.

desconsiderados ou diminuídos e os interesses sociais passam a ser tomados como imprescindíveis e irrefutáveis, sendo considerados tão essenciais que não haveria motivo relevante para sem eles viver. O significado da existência só seria alcançado se o grupo fosse posto ao menos um nível acima do indivíduo: para Durkheim, por exemplo, e como parte da concepção de relacionamento conjugal em voga no século XIX, a mulher viúva poderia não ver mais ânimo ou mesmo razão para continuar neste mundo sem a presença, os cuidados e até as ordens de seu marido e, nessas condições, o contingente de mulheres que se suicidavam por este motivo era relativamente alto; não vendo mais sentido sem o coletivo, este tipo de suicida não consegue se autoidentificar isoladamente e tira a própria vida quando seus anseios e inseguranças sociais vêm à tona.

E, por fim, o *suicídio anômico* é aquele em que os laços e responsabilidades sociais atormentam o indivíduo e este não consegue lidar com a rotina, as cobranças, as atividades diárias em geral e, paralelamente à insatisfação financeira decorrente da insuficiência destes atos cotidianos, o torna inerte frente ao coletivo; em função das condições que são ofertadas não corresponderem à expectativa que delas se faz, a pessoa vê-se frustrada por não conseguir realizar seus sonhos e anseios, nem efetivar suas metas e buscas; vê-se desequilibrada financeiramente e desacreditada de seu potencial criativo, não conseguindo obter o sucesso esperado ou a recompensa desejada. Este tipo de suicídio diferencia-se do primeiro, portanto, pelo simples fato de a causa deste emanar do social enquanto a daquele estar no próprio suicida: ao passo que este se vê inútil e improdutivo por conta das mudanças e das discontinuidades próprias da sociedade, esta suprime e transforma valores ora vigentes em práticas caducas e não mais exatamente aconselháveis, o que acarreta na desintegração entre as partes levando o indivíduo a crer que, justamente pela insuficiência e incapacidade em contribuir com o coletivo, a única solução para seu ônus produtivo seja a morte.

Há duas considerações que devem ser levadas em consideração no que concerne ao caso de Reg Dwight e Linda Woodrow, especialmente na tentativa desastrosa que ele imprimiu para tirar a própria vida: (a) primeiro, o músico não efetivou o suicídio, ato que poderia ser utilizado como argumento para que as concepções de Durkheim sobre o tema pudessem não funcionar sociologicamente em relação a seu caso – sobre isso há apenas uma consideração: o fato de a tentativa ter sido frustrada não impede que o ocorrido configure-se com as mesmas características que se desenrolaria se tivesse sido consolidado, o que nos leva a crer que as teses do famoso sociólogo servem não apenas para aqueles que efetivam o autoassassinio, mas também para aqueles que tentam fazê-lo; (b) segundo, não parece pertinente encaixar o cantor/compositor apenas em um destes tipos sociológicos de suicídio:

em sua tentativa, ele consolidou um amálgama entre o suicídio *egoísta* e o *anômico*, como já anunciado; desolado pelo relacionamento com Linda Woodrow e incerto sobre sua própria sexualidade, Dwight não conseguiu lidar com as adversidades daí decorrentes e colocou suas dúvidas pessoais acima da possibilidade de lidar com as convenções e prática cotidianas, atentando contra a própria vida; além disso, não conseguindo progredir na carreira musical, preso à banda *Bluesology*, que não conseguia emplacar sua produção, e limitando-se a bares e *cabarés* de público restrito e pouco estimulante, o jovem une ambas as condições e, num ato de desespero e desilusão, chama mais a atenção daqueles que com ele convivem para seu desespero do que propriamente consegue findar sua existência.

Lembre-se: o noivado ainda duraria por volta de um mês após essa tentativa desastrada de tirar a própria vida e, ao mesmo tempo, brilhante de chamar a atenção: Bernie Taupin, o cantor Long John Baldry, o guitarrista Caleb Quaye e sua mãe Sheila passaram a dar-lhe mais atenção do que já faziam normalmente. Passaram a conversar mais sobre o assunto, mais sobre Linda e o casamento, mais sobre a vida. Sua noiva, que deveria ser uma das pessoas mais próximas a ele, estava se tornando uma estranha no ninho, alguém a ser evitado. Tanto o foi que na primeira semana de Junho, três antes do casamento, Reg, Bernie, Long John e Cindy Birdsong saíram para um bar chamado *Bag of Nails* e o assunto foi abordado. Todos tentavam convencê-lo de terminar o relacionamento; ele, reluzente, insistia em dizer que poderia dar certo:

Baldry estava lá e uma integrante dos Supremes – alguém dos Supremes costumava sair com o cantor do Bluesology, que tal *isso* para um pouco de fofoca – Cindy Birdsong costumava a sair com nosso cantor. De qualquer modo, nós estávamos lá no Bag of Nails e Baldry dizendo “você está louco, cara, você está louco, você não a ama”, e eu dizendo “eu amo, eu amo”, e ele ficou dizendo “ela lhe espanca, ela dá um murro no seu rosto”, e nós ficamos mais e mais desanimados sentados lá até quatro da manhã, dialogando com alarmes contra assaltos quando ficávamos cambaleando tontos e eu gritei “está terminado, está acabado!” e então vieram alguns dias infernais. No fim meu pai veio com seu Ford Cortina e como ele conseguiu abarrotar todas aquelas coisas lá eu não sei e minha mãe disse “se você se casar com ela eu nunca mais falarei com você de novo” – oh, isso foi simplesmente maravilhoso (“Baldry was there, and one of the Supremes – one of the Supremes used to go out with the singer of Bluesology, how about *that* for a piece of gossip – Cindy Birdsong used to go out with our Singer. Anyway, we’re there at the Bag of Nails and Baldry is saying ‘you’re mad, man, you’re mad, you don’t Love her,’ and I was saying ‘I do, I do,’ and he was saying ‘she beats you up, she smashes you on the face,’ and we got more and more depressed sitting there until four in the morning, setting off burglar alarms when we staggered out and I shouted ‘It’s over, it’s finished!’ and then came a couple of days of hell. In the end my Dad came with his Ford Cortina and how he managed to cram all that stuff in there I don’t know and my mother said ‘If you marry her I’ll never speak to you again’ – oh, it was just amazing”)⁸.

⁸ GAMBACCINI, 1975, pp. 61-62.

Quando Reg tomou coragem e disse a Linda que tudo estava acabado ela ficou bastante surpresa, não esperando aquela decisão; não há poucas semanas da data do casamento. Ela ainda tentou convencê-lo a não ir em frente com aquilo, ainda tentou lhe mostrar que seria possível manter o convívio, mas foi em vão. Reg estava decidido e não iria voltar atrás; ela ainda tentou uma última cartada e disse a ele que não a abandonasse, pois estaria “grávida”. Ele não se importou e nunca mais voltou a falar com ela. Todo o episódio e a relação com Linda foram descritas na quinta canção do álbum autobiográfico *Captain Fantastic And The Brown Dirt Cowboy, Someone Saved My Life Tonight*:

When I think of those East End lights, muggy nights
(Quando eu penso naquelas luzes do East End, noites abafadas)
The curtains drawn in the little room downstairs
(As cortinas abertas num quatinho aqui do térreo)
Prima Donna lord you really should have been there
(Prima Donna soberana você realmente deveria ter estado lá)
Sitting like a princess perched in her electric chair
(Sentando como uma princesa empoleirada em sua cadeira elétrica)
And it's one more beer and I don't hear you anymore
(E esta é mais uma cerveja e eu não dou mais ouvidos a você)
We've all gone crazy lately
(Todos nós ficaremos malucos brevemente)
My friends out there rolling round the basement floor
(Meu amigo está ali fora rolando pelo chão do porão)

Chorus (Refrão):

And someone saved my life tonight, Sugar Bear
(E alguém salvou minha vida hoje à noite, Sugar Bear)
You almost had your hooks in me didn't you dear?
(Você quase teve cravados seus ganchos em mim, não foi querida?)
You nearly had me roped and tied
(Por pouco você não me teve laçado e amarrado)
Altar-bound, hypnotized
(Atado ao altar, hipnotizado)
Sweet freedom whispered in my ear
(A doce liberdade sussurrou em meu ouvido)
You're a butterfly
(Você é uma borboleta)
And butterflies are free to fly
(E as borboletas são livres para voar)
Fly away, high away, bye, bye
(Voe longe, bem alto, tchau, tchau)

I never realized the passing hours of evening showers
(Eu nunca tinha me dado conta do passar das horas de banhos noturnos)
A slip noose hanging in my darkest dreams
(Um laço posto com facilidade está em meus sonhos mais obscuros)
I'm strangled by your haunted social scene

(Eu estou estrangulado por sua assombrosa cena social)
Just a pawn out-played by a dominating queen
(Sou apenas um fantoche que pararia de tocar por uma rainha dominadora)
It's four o'clock in the morning
(São quatro horas da manhã)
Damn it! Listen to me good
(Porra! É melhor me escutar)
I'm sleeping with myself tonight
(Eu estou dormindo comigo mesmo hoje de noite)
Saved in time, thank God my music's still alive
(Fui salvo a tempo, obrigado Deus minha música ainda está viva)

And I would have walked head on into the deep end of the river
(E eu devo ter caído de cabeça bem direto ao fundo de um rio)
Clinging to your stocks and bonds
(Responsabilizando-me por suas apólices e dívidas)
Paying your H.P. demands forever
(Pagando as cobranças de suas promissórias para sempre)
They're coming in the morning with a truck to take me home
(Eles estão vindo de manhã com uma caminhonete para me levar de volta para casa)
Someone saved my life tonight, someone saved my life tonight
(Alguém salvou minha vida hoje à noite, alguém salvou minha vida hoje à noite)
Someone saved my life tonight, someone saved my life tonight
(Alguém salvou minha vida hoje à noite, alguém salvou minha vida hoje à noite)
Someone saved my life tonight
(Alguém salvou minha vida hoje à noite)
So save your strength and run the field you play alone
(Assim salve sua força e corra para um campinho em que você possa brincar sozinho)

De acordo com Bernie, a canção não fala do ato de Reg tentar tirar a própria vida como se pode pensar a princípio: “não falo necessariamente dessa tentativa de suicídio. Foi sobre ele ter sido salvo do casamento, o que teria sido um desastre naquela altura. Foi salvá-lo de si próprio. E as pessoas ao seu redor o inspiraram a atingir um novo nível”⁹. Reg precisou ficar muito embriagado para poder encontrar a coragem e a força necessárias para terminar seu relacionamento com Linda. O apoio das pessoas mais próximas a ele também foi importante, mas talvez sem a bebida ele tivesse desistido. “*E esta é mais uma cerveja e eu não dou mais ouvidos a você*”; sabe-se lá quantas cervejas foram necessárias para a tomada dessa decisão, mas só com uma embriaguez ele se sentiu capaz de admitir que não queria mais a companhia da “*prima-dona*¹⁰ *soberana*” para si.

Quem salvou Reg, de acordo com a letra, foi Long John Baldry. Seu apelido, *Sugar Bear* (que na tradução literal seria “Urso Açucarado”), foi atribuído como um gesto carinhoso de retribuição por ter sido crucial, tanto quanto a bebida, na decisão final tomada pelo

⁹ UNIVERSAL Music Group International. *Two Rooms: celebrating the songs of Elton John and Bernie Taupin*. Universal Music Ltda. Rio de Janeiro, Brasil, 2005. 1 disco de vídeo digital (DVD) (124 min.).

¹⁰ Cantora principal de uma ópera.

pianista. “A *doce liberdade*” não é nada menos do que a metáfora que simboliza as palavras duras, sinceras e amigas que Baldry derramou sobre Reg; ele sabia que o casamento arruinaria as duas vidas e por isso ela “*sussurrou em meu ouvido / Você é uma borboleta / E as borboletas são livres para voar / Voe longe, bem alto, tchau, tchau*”...

No ano de 2005, concedendo entrevista ao *Sunday Mirror*, periódico especializado em celebridades, Linda Woodrow, na época com 61 anos, disse que *Someone Saved My Life Tonight* se tornou um peso muito árduo ao longo de sua vida, uma cruz que carrega consigo. Disse ela que as pessoas, de certo modo, a olham com desconfiança, como se ela fosse algum tipo de ameaça ambulante, que elas “formavam uma opinião sobre mim, que não era verdadeira, que tentei manipulá-lo e pressioná-lo a fazer algo que ele não queria... Como poderia me defender enquanto ele cantava essas coisas sobre mim? Ninguém iria acreditar no que eu tinha a dizer” (“formed an opinion of me which wasn’t true, that I tried to manipulate him and pressed him into something he didn’t want to do... How could I defend myself when he was singing those things about me? No one would believe what I had to say”).¹¹

Mesmo que Bernie tenha escrito a letra da canção, ela parece ter sido composta por Elton tendo em vista o tom pessoal e melodramático de seus versos; Taupin criou a atmosfera que o pianista quis que ele criasse, usou palavras um tanto agressivas, como se não fossem dele e expressou o sentimento de rancor que Reg teve por Linda como se ele próprio o tivesse vivido: “*Sou apenas um fantoche que pararia de tocar por uma rainha dominadora*”, trocando os estúdios, as gravações e o trabalho com Bernie para atender às vontades dela teriam ficado inertes. Para Reg, o contexto daquela experiência funcionou como se nada desse certo e que, por muito pouco, ele “*não esteve laçado e amarrado, atado ao altar, hipnotizado*”; já para ela, restou acreditar que não foi culpa sua, que os problemas da carreira de músico eram os motivos para a tentativa de suicídio, além de ter que ouvir pessoas descrendo da possibilidade de ela dizer a verdade, adicionado-se a isso três casamentos desfeitos e uma vida “comum” em uma casa de padrões de classe média no Texas: “as pessoas têm dito coisas horríveis tais como eu costumava bater nele e que após nós terminarmos eu estava tendo encontros com um anão” (“people have said horrible things like I used to beat him up and after we split up I was dating a dwarf”).¹²

¹¹ NAUMAN, 2005, p. 18.

¹² Idem.

Someone Saved My Life Tonight é, melodicamente falando, uma canção com uma forte e dramática entonação do piano, especialmente na introdução e em suas pontes¹³ (idênticas à introdução), que dão um ar pesado e deprimido à melodia. Esta, entrosada com a letra, leva o melodrama a altos níveis e parece sugerir que quem a toca está sofrendo algum tipo de dor e desespero constantes, intermináveis e sufocantes. Se Elton e Bernie queriam deixar uma impressão negativa e pouco animadora de Linda, conseguiram atribuindo a essa canção um efeito emocional intrigante, dizendo e afirmando com convicção que a loira seria uma “*princesa empoleirada*” pronta para fazer um Reg “*fantoche*” beijar seus pés e ser “*estrangulado por sua assombrosa cena social*”.

Na própria arte de capa há uma corroboração do que aqui está sendo dito: no canto superior esquerdo do álbum se faz presente uma *garça-real* branca, desenhada com um olhar assombroso e medonho, fitando ininterruptamente seus olhos para o “Capitão Fantástico” (que é a representação de Elton John, no disco). Ela é, muito provavelmente, uma representação de Linda. A garça tem seios pequenos (como os dela), seu corpo sai de dentro de um contrabaixo inclinado onde há um garoto amedrontado e inseguro, preso pelas longas e rígidas cordas do instrumento. A ave estaria aprisionando o jovem Reg, não permitindo que ele escapasse de uma prisão controlada por ela; além de uma referência implícita ao *Inferno Musical* de Bosch, a imagem sugere que Linda amava o antigo Reg, tímido, inseguro e dominado, e odiava tudo aquilo em que ele se tornou: um astro do rock famoso e bem sucedido na década de 1970. Mais do que isso, “nas tradições européias e africanas, a garça-real simboliza a indiscrição daquele que *mete o nariz (o bico)* em tudo. Mas também a vigilância, que pode perverter-se facilmente em curiosidade malsã”¹⁴. Além de ser um animal que simboliza o poder e o controle, a garça-real se adequaria à representação de Linda, a partir da visão de John/Taupin, por ser ela uma “*rainha dominadora*”; posicionada justamente na curva entre a capa e a contracapa do álbum, a garça teria se intrometido nos dois mundos em questão: teria tentado romper a parceria entre os dois amigos, já que foi morar com eles, “atrapalhando” suas ambições artísticas.

¹³ Seção da canção localizada entre as estrofes principais e o refrão, que também pode ser chamada de “pré-refrão”.

¹⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 460.



Imagem: detalhe da dobra que separa a capa e a contracapa, destacando-se a *garça-real* com seus seios pequenos e um corpo formado por um contrabaixo com um garoto dentro.

Cena III:

Sentindo-se aliviado com a decisão que tomou, Reg Dwight tocou a vida: empenhou-se na sua arte, voltou todas as suas atenções para a música: compôs tudo aquilo que não havia composto durante o tempo de noivado e aprimorou sua experiência nos palcos ingleses com a banda *Bluesology*; não que o fato de ter havido a separação tenha consolidado seu retorno triunfal, o que ocorreu é que sua mente estava se sentindo mais livre, mais “à vontade” para lidar com suas escolhas e se dedicar à sua profissão; não mais se sentindo enclausurado, ele passava a entender melhor como resolver seus próprios problemas e como não devia deixá-los de lado. Viveu, cantou e emocionou: retomou um orgulho próprio que havia se perdido.

Referências

Periódicos Citados:

Sunday Mirror Magazine, Edição de 16 de Dezembro de 2005.

Bibliografia:

BEGO, Mark. *Elton John: The Bitch Is Back*. Beverly Hills, CA, USA: Phoenix Books, 2009.

BUCKLEY, David. *Elton John: a biografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figures, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Lisboa: Editorial Presença Ltda., 1982.

GAMBACCINI, Paul. *A Conversation with Elton John and Bernie Taupin*. New York, USA: Flash Books, a Division of Music Sales Corporation, 1975.

MOREIRA, Vera Lúcia. *Torre de Babel: a vida de Elton John e Bernie Taupin*. São Paulo: Xisma Editora, 1986.